

POR UMA FORMAÇÃO CRÍTICA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA CIBERCULTURA PARA O AVANÇO DAS NARRATIVAS DE GÊNERO COM ÊNFASE EM PESSOAS TRANSGÊNERAS NO ENSINO DE PROFESSORES

*Azure Flora*¹
*Amanda Bortoluzo*²
*Luciana Velloso*³

RESUMO

Na última década houve uma crescente de produções da narrativa de gênero dentro dos currículos escolares. Com ênfase na narrativa de pessoas transgêneras urge-se a necessidade de propor práticas de ensino que minimizem as violências contra esses corpos dentro das instituições educacionais. Essa proposição estruturada enquanto dissertação, tem como objetivo investigar os aspectos que limitam o acesso de professores em formação ao pensamento crítico as identidades transgêneras e qual a influência do ocultamento dessas resistências em um contexto cibercultural (Lévy, 1999; Silva 2003; Santos, 2019; Santaella, 2013; Lemos, 2020). Compreendendo o transativismo e os tentáculos da transfobia dos algoritmos, de uma forma não reducionista será inclinado a reflexão dos Cotidianos dessas existências (Certeau, 2013; Alves, 2008). O trabalho também contará com o auxílio da produção de dados que será realizada a partir de questionários e entrevistas aplicadas a produtores de conteúdo digital acerca de suas ações discursivas com relação ao assunto e suas vivências do período escolar. Em fase embrionária o produto dessa análise também contará com um trabalho de campo feito com educadores em formação para enegrecer os aspectos que resultaram na construção do imaginário sobre identidades queers.

Palavras-chave: Escola; gênero; redes digitais; currículo; LGBTQIANP+.

1 Mestrando do Curso de Educação Comunicação e Cultura em Periferias da Universidade Estado do Rio de Janeiro - RJ, floraif@hotmail.com

2 Mestranda do Curso de Psicologia Social da Universidade Estado do Rio de Janeiro - RJ, @mandabcargmail.com;

3 Luciana da Silva Seixas Velloso Doutora em Educação pela Universidade Estado do Rio de Janeiro - RJ, @lucianavss@gmail.com.

INTRODUÇÃO

*“Eu determino que termine aqui e agora,
Eu determino que termine em mim, mas
não acabe comigo,
Determino que termine em nós e desate,
E que amanhã possa ser diferente para
elus,
Que tenham outros problemas,
que precisem de novas soluções,
E que eu possa viver nelas, através delas,
E, em suas memórias (Linn da Quebrada, 2020)”.*

É sabido que mais de 80% das pessoas trans e travestis não terminam o ensino básico (Observatório de Ensino), pesquisa realizada pelo presidente da comissão de diversidade da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Dr. João Paulo Carvalho Dias. Este dado, nos faz enegrecer esses marcadores de gênero e sexualidade dentro das instituições educacionais, o que materializa e quantifica o resultado da reprodução da Pedagogia da Violência, conceito utilizado por Luma Nogueira de Andrade, primeira de sua classe a concluir o doutorado na rede pública de ensino.

Apesar de ser debatida a inserção do discurso de gênero dentro dos currículos oficiais, esta é uma medida pouco adotada no que tange a existências dessa parcela da diversidade. O termo “transfobia” é utilizado para nomear o preconceito, a discriminação, o medo e/ou o ódio sofrido por pessoas transgêneros. Entende-se como transgênero o indivíduo que de alguma forma não se identifica com o seu sexo biológico de nascimento; identifica-se com ambos os sexos ou com nenhum deles. O termo transgênero é um “conceito “guarda-chuva” que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento”. (JESUS, 2012, p. 25).

Tal prática, velada ou não, atua na rotina diária de pessoas trans e travestis dentro dos ambientes educacionais, ceifando a potência dentro do processo de ensino e aprendizagem. Compreendendo que o aprender deveria ser um direito de todos como consta no Art. 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício

da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Lei nº 14.172, de 10 de junho de 2021.

Demonstra-se um desafio para educadores que se vêem comprometidos com a prática de “*aprenderensinar*”, de ir para além do currículo, visto o boicote estrutural a essas resistências. Uma das formas a partir do currículo oculto é a utilização das redes virtuais como aceleradoras dos processos de conscientização social.

A pandemia do novo coronavírus acabou por acelerar os processos sociais que já estavam em curso, como consta na obra *Armas, Germes e Aço* (Diamond, 1997), o que demonstra a total familiaridade com a rapidez já disponível dentro das tecnologias digitais. O vírus que levaria pelo menos uma década no século passado para ser superado, demorou menos de 3 anos para ser contido.

De acordo com ex-CEO da Google, Eric Schmidt (Exame, 2021): “a cada dois dias, geramos um volume de dados equivalente ao que criamos do início da civilização até 2003”. Isso significa que os educadores terão de lidar com o dilema da atualização constante das contribuições científicas a respeito da diversidade e demais temas, questionando intrinsecamente suas próprias posturas violentas, pois novos horizontes estão sendo iluminados e precisam da nossa apreensão.

Em suma, este projeto, contará com os seguintes questionamentos: Se pessoas trans e travestis não estão dentro dos currículos formativos de professores da educação básica, quais os outros caminhos de subversão dessa realidade? Qual o papel das mídias sociais na visibilidade da pauta trans? Quais as estratégias do transativismo para o combate a transfobia dos algoritmos? Como isso impacta no imaginário de professores ainda em formação?

Paralelamente a este cenário, emerge uma sociedade que exige novas competências e habilidades pautadas nestes desafios. Ao passo que o debate educacional, tem se concentrado em pensar o desenvolvimento de práticas educativas implicadas no contexto atual da Cibercultura (Lévy, 1999; Silva 2003; Santos, 2019; Santaella, 2013; Lemos, 2020), que exige, crescentemente, práticas personalizadas, interativas, colaborativas e críticas acerca do assunto. Assim sendo, discutir os desafios atuais da Cibercultura e suas implicações para a educação a diversidade é um dos objetivos da proposição desta dissertação.

O trabalho se aprofundará na narrativa de pessoas transgênero, com ênfase na transfobia dos algoritmos, isto posto a pesquisa tratará por analisar o impacto da invisibilidade e boicote de suas existências dentro das redes virtuais e mídias digitais no contexto educacional a partir das possibilidades do currículo oculto, e quais as consequências na construção do imaginário social em específico dos educadores em formação que terão futuramente que lidar com todas essas questões.

METODOLOGIA

A partir de epistemologias que consideram os desencadeamentos culturais, sociais e políticos de cada sujeito, esse projeto contará com um Outro modelo de se tecer a pesquisa, considerando propor novos horizontes para além daquilo que a ciência moderna determina enquanto verdade absoluta, compreendendo uma nova forma que ultrapasse a objetividade científica.

Rompendo uma postura hierárquica e reducionista (Morin, 2003) e contemplando os saberes constituídos por Freire (1996), esta dissertação se propõe a dispensar uma neutralidade inexistente e realiza uma crítica ao ensino bancário que tanto nos mantém dóceis em nossa própria realidade minando sua complexidade (Freire, 1996).

Compreendo a ambiguidade que será provavelmente encontrada no campo, a reflexão da mesma não poderia ser feita de uma forma inflexível, isto posto, a partir da contribuição de diversos autores, o trabalho também se desafiará em trabalhar com a perspectivas dos Cotidianos (Certeau, 2013; Alves, 2008), entendendo que:

Macedo (2020) afirma que o ato de pesquisar constitui um desafio, na medida em que nos obriga a enfrentar as incertezas próprias de um método que se faz no caminhar, num processo de aventura pensada, na vivência da experiência e da criatividade na pesquisa com os cotidianos. Nessa perspectiva, exige do pesquisador certa organização que o possibilite ir ao encontro de seu objeto de pesquisa, o que implica considerar o papel formativo que a experiência acontecimental da pesquisa, em si, produz (Brasil, 2023)..

Visto isso, agregando os saberes já pré-estabelecidos o projeto se estruturou a partir de referencial bibliográfico, com uma perspectiva qualitativa que permite explorar e descrever a complexidade do tema e das problemáticas a respeito da investigação, “permitindo aos pesquisadores analisar, compreender e classificar gerando contribuições para os indivíduos e objetos de pesquisa envolvidos” (Schneider, 2016, p. 27). Desse modo, a metodologia do estudo desenvolvido tem enfoque qualitativo por meio da análise bibliográfica de artigos científicos e descrição empírica de práticas realizadas no trabalho de campo feito com uma das turmas da graduação do curso de Pedagogia do campus Uerj/Maracanã.

Na busca por sentidos e significações as contradições tendem a se multiplicar, dando início a novas contradições que passam a exigir soluções. Integrada à pesquisa qualitativa, tratou-se de um método de interpretação dinâmico e não

totalizante da realidade, pois considerará que os fatos não podem ser tratados fora de seu contexto social, político e econômico.

As questões da pesquisa compreendem-se na análise dos danos da invisibilidade trans dentro das redes virtuais e o impacto no imaginário educacional na formação de professores com relação a existência dessa diversidade em sala de aula.

Para além de pesquisadora (e), o produtor dessa pesquisa também é (e) educadora (e), em função disso o projeto não é metodologicamente tradicional e rígido, mas sim atravessado pelo “espaçotempos” da trajetória de inúmeros sujeitos com múltiplos e complexos conhecimentos, usando os princípios da multirreferencialidade (Ardoino 1998; Macedo, Barbosa, Borba, 2012).

Assim sendo, devemos metamorfosear a forma que lidamos com nossos “objetos” de pesquisa, visto: que lidamos com pessoas, que interagem, estão em constante movimento e, como seres pensantes (Velloso, Thiago, Silva, 2021), trazem os questionamentos de suas práticas (Ribeiro, Santos, 2016), por conseguinte o projeto é de acordo com Ribeiro e Santos de que tais tendências são “uma opção política de condução a processos formativos emancipatórios” (p. 303).

Para além da análise bibliográfica dos autores que produzem na área como: Santos (2020), Freire (1985; 1992; 1996; 2015), Caldas (2019), Lévy (1999), Lemos (2020), Silva (2010), Macedo (2018), Couto (2020), Preciado (2018), Ayouch (2019), Pocahy (2022), Mattos (2021), Passos (2022), Travesti (2023).

Após o trabalho de campo que produzirá dados acerca dos conhecimentos e impressões dos educadores em formação com relação ao tema, em sua maioria pessoas cisgêneras, nesta etapa do trabalho será feito uma medição do acesso que os professores têm a essas narrativas e quais são os melhoramentos possíveis para que alcancemos uma dignidade educacional para esses sujeitos potentes durante seu processo de ensino e aprendizagem.

Para compreender a repercussão da violência escolar contra as existências transgêneras será realizado também uma entrevista com produtores de conteúdo engajados na causa, enegrecendo como o transativismo tem marcado presença dentro das redes sociais e resistido a todas as tentativas de boicote.

O projeto não se limitará as condições binárias de análise contando também com produtores de conteúdo trans-não-binários, a fim de desestigmatizar, reafirmando que os mesmos também são pessoas trans e necessitam de humanização, o oposto que vêm acontecendo em todos esses anos com o aumento dos ataques a linguagem neutra.

Os produtores compartilharão o processo de desenvolvimento das atividades durante os últimos 8 anos através de uma entrevista, que atravessará a

escrita de boa parte dos capítulos, fazendo assim uma junção dos conhecimentos e experiências encontradas no cotidianos dos praticantes.

A partir das unidades de registro retiradas das entrevistas, os produtores poderão narrar um pouco sobre esses três eixos emblemáticos durante esse período: Violência escolar, a Transfobia dos algoritmos e o transativismo em uma entrevista dialogal via Google Meet que contará com cinco questões, duas acerca das trajetórias dos “*influencers*” selecionados e três sobre a relação direta da narrativa tratada na realidade vivida durante o período escolar.

A intenção é justamente estimular o “*fazerpensar*” durante todo o processo de escrita, bricolando diversas referências que vão desde do momento empírico do campo, as multirreferenciais utilizadas para materializar de forma democrática e acessível a todos que lêem, agregando outras formas de linguagens durante o texto, como: música, poesia, contos, vídeos, documentários entre outras.

REFERENCIAL TEÓRICO

Durante a última década a falácia da ideologia de gênero dentro do projeto da Escola Sem partido (Passos, Pinheiros, 2020) tem tido destaque dentro das instituições educacionais, desencadeando uma torrente de produções nos últimos anos sobre o tema. A partir de uma perspectiva biologizante, pautando-se na narrativa de uma educação neutra (Miranda, 2018), ações discursivas conservadoras tomaram frente apesar da constante violência contra diversas identidades resistentes no país. A tentativa de homogeneização dessas existências dissidentes da cis-heteronormatividade produz um ambiente hostil dentro das escolas impossibilitando ou dificultando o desenvolvimento desses “sujeitos potentes” durante sua trajetória no processo de ensino e aprendizagem (Mattos, 2021). Invisibilizados, silenciados e desumanizados, a comunidade LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais) tem sido alvo de diversos ataques simbólicos e materiais desde o período da colonização (Ribeiro, 2021) contudo a partir do avanço das mídias sociais e a possibilidade de interação para além de seus limites geográficos a comunidade pôde ter acesso a outras representatividades possibilitando suas práticas de empoderamento, cooptação de sujeitos e sua presença em diversos espaços.

Pessoas PCDS (Pessoa com Deficiência), pretas, indígenas, amarelas, gordas, lésbicas, gays, bissexuais, crianças transviadas, não binárias, sujeitos *queers* em montante não sentem pertencentes ao todo (Pocahy, 2018), como se não se encaixassem no espaço que foram designadas a ficar (FOUCAULT, 2001). A partir

do entrelugar, ou seja, de um arranjo espacial que se caracteriza como fronteira, que não separa, mas aproxima, existe uma busca por representatividade em outras redes (Leal, 2017). E, no que tange à elaboração de uma inteligência coletiva, se observa o atravessamento que a cibercultura passou a ter neste processo, principalmente a partir dos anos de 1990 (Lemos, 2002, Lévy 2001).

Após 30 anos, em uma geração de “influencers” e produtores de conteúdo para internet, dentro das escolas essas redes também se ampliam (Santos, 2022). Desde promoção de valores a intenções de consumo, o capitalismo se apropria de mais uma nova forma de exploração.

São mais de 10,5 milhões neste mercado de trabalho (Idem, 2021), colaborando com a vasta produção de informação. Os corpos que foram expulsos das escolas encontraram nas mídias digitais uma forma de materializar seu manifesto (Ribeiro, 2021).

O transativismo além de falar sobre as existências ceifadas, demarca um espaço de resistência, ressignificando o pensamento de que pessoas trans não são apenas resultado da violência política e estrutural, fruto da vulnerabilidade, da prostituição e do empobrecimento (Pocahy, 2018), mas sim, poesia em forma de gente, a beleza de resistir e viver o depois, apesar do Estado dizer o contrário (Passos, 2021).

Embora todas essas constantes, existem diversos fatores que impossibilitam que esses produtores de conteúdo cheguem à massa popular e modifiquem esse pensamento estrangeiro a nossas próprias raízes (Ribeiro, 2020). Os educadores não se abstém desse imaginário perverso, em uma sociedade técnico-científica informacional todos acabam por ser influenciados em níveis diversos (Castells, 1999).

Estudos na área apontam a transfobia dos algoritmos como um dos dispositivos responsáveis por esse apagamento da comunidade trans em diversos nichos sociais (Lemos, 2022). Como alcançar uma determinada conscientização sobre a desumanização dessas pessoas? Sendo que das 10 horas que é a média do brasileiro no uso de internet por dia (Ribeiro 2022), nem ao menos 3 minutos o algoritmo dedica a escuta sincera de outra realidade não-normativa?

Inúmeros trabalhos demonstram o aumento da discussão de gênero dentro dos currículos escolares, com destaque para a comunidade trans e na forma de minimizar os impactos da transfobia estruturante e a cibercultura muito tem a contribuir para esse processo (Couto, 2021).

A partir da demanda das informações para melhorar sua integração com o alunado é imprescindível a produção de trabalhos científicos que abarquem a temática para que os resultados possam auxiliar na construção de políticas

públicas educacionais afirmativas que diminuem as implicações dessas desigualdades (Idem, 2020).

É necessário que a escola cumpra seu papel de atuar com uma ferramenta que possa propiciar o desenvolvimento da cidadania (Velloso, Thiago, Silva, 2021). Mediar esse aprendizado não é uma tarefa fácil, no entanto não cabe sermos somente técnicos, nem tão somente afetivos. Para Freire (1996), ensinar é uma tarefa que exige mediarmos o conhecimento levando em conta os aspectos sociais, emocionais e intelectuais de cada aluno, trabalhando de forma significativa para a construção ao mesmo tempo do caráter e do conhecimento, onde se tratam de aspectos tanto do ambiente escolar quanto fora dele.

Os professores têm cada vez mais a necessidade de pesquisar e desenvolver métodos de ensino mais inovadores que percebam a realidade do tecido social. “O que está no mundo hoje não deve ser interpretado como eterno ou imutável” (Macedo, 2020, p.19) Mas, para que isso se torne realidade, é preciso que educadores entrem nessa problemática, integrando suas propostas de ensino o discurso crítico sobre o tema, uma vez que professores e alunos são sujeitos do processo de criação do conhecimento (Idem, 2020).

A educação problematizadora dessa relação dialógica se utiliza da dialética como sendo um método para o diálogo, podendo assim haver contraposição e também contradição de ideias, que possa levar a novas ideias, entre educador e educando, podendo aprender juntos, gerando uma construção do saber, no qual educador e educando em parceria, se educam (Carneiro,, 2003). Faundez revela que os pensadores estão acostumados a trabalhar com ideias-modelo, o que nos leva à relação entre natureza e aparência, de modo que podemos ver que a aparência será algo relacionado à sensibilidade, enquanto a natureza também pode revelar a verdade (Carneiro, 2003). Desse ponto de vista, os autores argumentam que o mundo em que vivemos é de fato aprendido pelos humanos por meio da aparência, mas isso não significa deixar de lado o contexto. Uma vez que tenhamos apreendido a aparência, poderemos usá-la como suporte para ideias de novos modelos de ensino e aprendizagem (Carneiro, 2003).

Faundez defende que o intelectual deve partir da nossa realidade, ou seja, da realidade humana, para que possa refletir sobre ela e compreendê-la. Isso ajudará a recuar das ideias-modelo, e abrir um espaço para que as ideias sejam geradas na prática e, assim, acreditar na eliminação de qualquer absolutismo dos modelos conceituais (Carneiro, 2003).

Tal visão se deve ao método de Freire, que nunca pode ser modelo, pois o método freireano é um conjunto de princípios que devem ser reproduzidos continuamente e, portanto, causam ansiedade nos pensadores e na realidade que eles

reproduzem (Freire, Faudez, 1985). Segundo Freire, a verdade deve ser buscada por meio do diálogo onde os professores aprendem enquanto ensinam, quando revisam seus próprios conhecimentos na busca de ensinar aos alunos, e possivelmente por meio do diálogo entre professores e alunos:

A curiosidade do estudante às vezes pode abalar a certeza do professor. Por isso é que ao limitar a curiosidade do aluno, a sua expressividade, o professor autoritário limita a sua também. Muitas vezes, por outro lado, a pergunta que o aluno, livre para fazê-la, faz sobre um tema, pode colocar ao professor um ângulo diferente, do qual lhe será possível aprofundar mais tarde uma reflexão mais crítica. (Freire, Faudez, 1985, 1985, p. 23).

Dessa forma, quando o professor se sentir tocado pela curiosidade do aluno, sobre suas crenças, ele tem que encontrar formas de apoiar seu ensino, para que seja mais profundo (Freire, Faudez, 1985). Se a curiosidade dos alunos for pequena, também diminui a receptividade do professor, pois se o professor não for questionado, não haverá dúvidas e, quando questionado, haverá maior chance de descobrir o alcance do aprendizado (Freire, Faudez, 1985). Essa proposta cria uma nova perspectiva para o professor, desafia-o para uma situação mais crítica e também o obriga a buscar mais informações sobre alguns dos assuntos que irá revelar (Idem, 1985).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No livro “Quem precisa de identidade?”, redigido por Stuart Hall (2008), sociólogo britânico-jamaicano, identificamos a seguinte percepção:

Na linguagem do senso comum a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem em comum, ou de características que são compartilhadas, com outros grupos e pessoas, mas ainda partem de um mesmo ideal. É em cima dessa fundação que ocorre o natural fechamento que forma a base da solidariedade e da fidelidade do grupo em questão (HALL, 2000, p.107).

Porém esse processo de identificação se tornou turvo devido a todas as influências citadas aqui dentro e fora das redes digitais. Na prática, entendemos que é justamente a instantaneidade dessas redes que podem propiciar uma vantagem no processo de superação dessas e demais questões de gênero.

A pandemia do novo coronavírus acabou por acelerar os processos sociais que já estavam em curso, como consta na obra *Armas, Germes e Aço* (DIAMOND, 1997), que demonstra a total familiaridade com a rapidez já disponível dentro das

tecnologias digitais. O vírus que levaria pelo menos uma década no século passado para ser superado, demorou menos de 3 anos para ser contido.

De acordo com ex-CEO da Google, Eric Schmidt (EXAME, 2021): “a cada dois dias, geramos um volume de dados equivalente ao que criamos do início da civilização até 2003”. Isso significa que os educadores terão de lidar com o dilema da atualização constante das contribuições científicas a respeito da diversidade e demais temas, questionando intrinsecamente suas próprias posturas violentas, pois novos horizontes estão sendo iluminados e precisam da nossa apreensão.

É percebida então uma enorme potência que, se não utilizada de maneira vertical, agregará com outras referências de relações parentais se encaminhando para o dia que não caiba apenas a escola educar, mas sim todos os responsáveis pelo desenvolvimento deste indivíduo. Se nem a escola e nem o arranjo familiar educarem, as reproduções continuarão e essa educação será advinda de outros espaços.

A partir da demanda das informações para melhorar sua integração com o alunado é imprescindível a produção de trabalhos científicos que abarquem a temática para que os resultados possam auxiliar na construção de políticas públicas educacionais afirmativas que minimizem os impactos dessas desigualdades (Idem, 2020).

É necessário que a escola cumpra seu papel de atuar com uma ferramenta que possa propiciar o desenvolvimento da cidadania (VELLOSO, THIAGO, SILVA, 2021). Mediar esse aprendizado não é uma tarefa fácil, no entanto não cabe sermos somente técnicos, nem tão somente afetivos. Para Freire (1996), ensinar é uma tarefa que exige mediarmos o conhecimento levando em conta os aspectos sociais, emocionais e intelectuais de cada aluno, trabalhando de forma significativa para a construção ao mesmo tempo do caráter e do conhecimento, onde se tratam de aspectos tanto do ambiente escolar quanto fora dele.

Os professores têm cada vez mais a necessidade de pesquisar e desenvolver métodos de ensino mais inovadores. “O que está no mundo hoje não deve ser interpretado como eterno ou imutável” (MACEDO, 2020, p.19) Mas, para que isso se torne realidade, é preciso que educadores entrem nessa problemática, integrando suas propostas de ensino, uma vez que professores e alunos são sujeitos do processo de criação do conhecimento (Idem, 2020). Afinal, podemos observar, através desta obra, que Paulo Freire provou que é possível educar para responder aos desafios da sociedade, sendo a educação desta forma um instrumento de transformação global do homem e da sociedade, tendo como essência a dialogicidade (PARREIRAS, MACEDO, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebemos a importância da criação de um clima de respeito mútuo e disciplina saudável entre a autoridade do professor e a liberdade dos alunos, “despertando a alegria, o desejo e a esperança de estar no mundo, não para se adaptar, mas para promover a mudança” (FREIRE, 1992, p.35).

A dificuldade desta tarefa é inegável, além da dificuldade, exige paciência e sobretudo a prontidão, compreensão, compatibilidade, segurança e habilidade de quem vai dar a explicação (FREIRE, 1992). Pois nos deparamos com o seguinte: se de um lado, não podemos aceitar o senso comum, de outro lado, não podemos chegar como donos da verdade e simplesmente cuspir arrogantemente o nosso saber como o único caminho a ser seguido, até mesmo porque a atitude de algumas pessoas é resistente (FREIRE, 1992).

De acordo com essa linha de pensamento, para que a qualidade da educação no Brasil melhore, é importante que tenhamos alunos ativos, criativos, insaciáveis e com vontade de aprender, pois isso faz com que os professores desistam do conservadorismo e passem a adotar uma visão de futuro ou atitude crítica em sua abordagem (MACEDO, 2019).

Isto posto, nos faz refletir que a abundância de informação não é formação e para que consigamos seguir para a ponte da transformação é necessário aos educadores olharem com profundidade tais demandas, exercitando sempre seu olhar de justiça social e as próximas estratégias que precisam ser colocadas em prática.

As redes devem fazer parte desse processo propiciando a aceleração dessas discussões dentro dos ambientes escolares, mas sempre sendo filtradas a partir do conhecimento crítico, fazendo a interseccionalidade das narrativas de classe, raça e gênero extraídas das realidades de seus próprios estudantes. Colaborando para o feitiço de pontes que nos impulsionam a buscar novos caminhos, que nos encaminhem para superação de tais problemáticas, ou minimizem as mesmas.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

_____. **Alianças queer e política anti-guerra**. Bagoas – Estudos Gays: gênero e sexualidades. V. 11, n. 16, p. 29-49, 2017.

_____. **Critically queer.** GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies. V. 1, n. 1, nov, p. 17-32, 1993.

_____. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo.** In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, p. 153-172, 2001.

_____. **Regulações de gênero.** Cadernos Pagu. Campinas, n. 42, jan-jun, p. 249-274, 2014.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. **Gênero, sexualidade e a teoria queer na educação: colocando em questão a heteronormatividade.** Atos de Pesquisa em Educação. Blumenau, v. 11, n. 1, jan-abr, p. 250-270, 2016.

_____. **Marcas da abjeção expressas em conversas sobre heteronormatividade com jovens no Facebook: em defesa de uma pedagogia queer.** 2017. 290 f. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

COUTO JUNIOR, Dilton; OSWALD, Maria. POCAHY, Fernando. **Gênero, sexualidade e juventude(s): problematizações sobre heteronormatividade e cotidiano escolar.** Civitas. Porto Alegre, v. 18, n. 1, jan-abr, p. 124-137, 2018. CONNELL, Raewyn. **Masculinities.** Cambridge: Polity, 1995.

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer.** Salvador: EDUFBA, 2015.

CARRILLO, Jesús. **Entrevista com Beatriz Preciado.** Revista Poiésis. Niterói, v. 11, n. 15, jul, p. 47-71, 2010,.

COLLING, Leandro; SOUSA, Alexandre. SENA, Francisco. **Enviadescer para produzir interseccionalidades.** In: OLIVEIRA, João Manuel; AMÂNCIO, Lúcia (Orgs.). Gêneros e sexualidades: interseções e tangentes. Lisboa: Maiadouro, p. 193-215, 2017.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. **Gênero, sexualidade e a teoria queer na educação: colocando em questão a heteronormatividade.** Atos de Pesquisa em Educação. Blumenau, v. 11, n. 1, jan-abr, p. 250-270, 2016.

CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA, 10, 2009, Braga. Actas. Braga: Universidade do Minho, p. 5.658-5.671, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 58. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.